



Análise dos discursos veiculados ao Jornal de Umbanda e seus possíveis impactos na construção de uma doutrina na religião umbandista na década de 1950 no Rio de Janeiro ¹

Mariana SANTOS

Bárbara ALTIVO (Professora Co-autora)

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

1. Introdução

A década de 1950 no Brasil, e sobretudo no Rio de Janeiro, capital brasileira da época, foi abundantemente marcada por sentimentos, em parcela da população, de busca por modernidade, evolução, urbanização, construção de identidade nacional e muitas outras revoluções e inovações. Alguns acontecimentos históricos, seja no país, seja no globo, contribuíram para a construção dessa urgência de mudanças, como o fim da Ditadura Vargas, a recente democratização do país, após o fim de anos de escravatura, o fim dos governos nazistas na Europa e a relativa quebra da hegemonia católica em muitas sociedades.

Paralelamente a esses fatores, crescia no Brasil a religião umbandista, que para o desenvolvimento desse trabalho, será considerada como um produto histórico-social após a narrativa fundadora do médium Zélio Fernandino de Moraes. Vale ressaltar que o Mito Fundador da Umbanda, o qual denomina Zélio como fundador da religião, é uma ideologia extremamente aceita até os dias atuais em muitos terreiros brasileiros. Segundo a história, o médium teria recebido entidades em um centro espírita kardecista no Rio de Janeiro, em 1908. No centro em questão, o médium teria recebido um “Caboclo”, de origem indígena, e um “Preto-Velho”, um ex -escravizado africano. O Caboclo, que se apresentou como Caboclo das Sete Encruzilhadas, anunciou a “criação” da Umbanda, uma religião que iria acolher os espíritos ancestrais marginalizados, considerados “menos evoluídos” e impedidos de participarem das sessões pelos centros Kardecistas da época.

Zélio estava, naquele cenário, realizando práticas e recebendo entidades que há tempos povos indígenas e africanos já faziam, inclusive no Brasil colônia, escondidas dentro de sincretismos religiosos e de “folclores”, e eram perseguidos, presos e até mortos por isso. Após o episódio envolvendo Moraes, a Umbanda ganhou relativo espaço

¹ Trabalho de Conclusão de Curso em construção que será apresentado em janeiro de 2025.



socialmente dentro das elites, principalmente no Rio de Janeiro, local onde as “macumbas” realizadas pela comunidade negra e periférica eram criminalizadas. O Jornal de Umbanda: Órgão Noticioso e Doutrinário da União Espiritista de Umbanda surge com o crescimento da religião, após o primeiro Congresso Espiritista de Umbanda, realizado em 1941 pela mesma instituição que deu início ao veículo midiático em questão, a Federação Espiritista de Umbanda - renomeada, mais tarde, de União Espiritista de Umbanda do Brasil (UEUB). O periódico circulou, quase que exclusivamente, na década de 50 no Rio de Janeiro. Era produzido, a princípio, por Jayme Madruga, o então diretor chefe do jornal, autor de muitas matérias do veículo e membro do primeiro Congresso Espiritista de Umbanda, sendo reconhecido como relevante intelectual da época no âmbito das religiões espiritualizadas.

Com o crescimento social das religiões espiritualizadas no Brasil, uma certa hierarquia começa a prevalecer no meio religioso, a qual denominava o Kardecismo, importado da França e adaptado para a sociedade cristã brasileira, como “alto espiritismo”, considerado mais evoluído e com maior legitimação social. Os cultos considerados mais propriamente africanos, como a quimbanda ou as macumbas, eram consideradas “baixo espiritismo” e deveriam ser evitadas. A Umbanda, por sua vez, batalhava para se afastar dos considerados “baixos espiritismos”, ainda que se apropriasse de suas cosmologias.

Ao longo desse período foi também introduzido o espiritismo em sua versão kardecista, sob forma inicial de ciência e filosofia e posterior de religião, cultivado pelas elites: era o “alto espiritismo”, como o designava a imprensa, protegido pelo Estado e legitimado socialmente, inspirado nos nobres princípios da caridade e envolvendo pessoas instruídas e de elevada extração social. Nas camadas populares, ao contrário, prevaleceria o “baixo espiritismo”, com suas práticas de sortilégios, curandeirismo e feitiçaria enquadráveis no Código Penal, despidos de moralidade e motivados por interesses escusos, envolvendo pessoas desclassificadas socialmente e ignorantes (Negão, 1996).

Moraes também foi conhecido, dentro do seu trabalho na religião, por tentar unificar a umbanda, ignorando a sua pluralidade em toda a extensão do país - característica que será analisada, também, no Jornal de Umbanda - e institucionaliza-la, buscando a sua legitimação perante a sociedade, sendo membro ativo no congresso umbandista de 1941. Na sua forma de fazer umbanda, que logo se popularizou no país, havia doutrinação dos espíritos menos evoluídos, como Exus e Pombagiras, não havia uso de bebidas alcoólicas ou de pólvora nos trabalhos e nem sacrifícios de animais -



elementos comuns em cultos africanos, mas que são considerados pouco evoluídos ou “não civilizados”.

O congresso de 1941 reuniu intelectuais da elite brasileira interessados na “nova” religião no intuito de debatê-la e assim construir bases sólidas e fundamentos para o seu culto, suas magias e rituais - tudo com base em correntes de pensamento que pairavam naquele momento no Brasil, como o positivismo. Esses movimentos permitiam, dentro de determinados contextos, o crescimento da religião umbandista e ainda a existência de um veículo midiático que objetivava abordar, discutir e apresentar a religião de Umbanda conforme os moldes desejados.

Considerando os acontecimentos históricos já citados, a década de 50, no Brasil, é marcada pela urgência de construir uma “nova” identidade nacional, seguindo o lema positivista da bandeira “Ordem e Progresso”, no intuito de apresentar para as potências globais que o país é seguro, organizado e confiável o suficiente para ser considerado civilizado. Norbert Elias (1990) definiu o processo civilizador como um conjunto de comportamentos que são impostos socialmente para possibilitar a convivência em comunidade. Em resumo, em sua obra *O Processo Civilizador*, Elias discorre que ao longo da história de formação de sociedades, principalmente na África e nas Américas, a instituição do conceito civilizador teria acontecido através da imposição dos costumes, tradições e crenças dos colonizadores sobre os colonizados, para que pudessem tornar-se “civilizados”. Nesse sentido, civilizar o país seria, pois, aproximá-lo do colonizador branco e europeu e distanciá-lo, mais ainda, do Brasil negro afro diaspórico e indígena. O processo de “civilizar” o Brasil pode ser notado desde a chegada dos primeiros colonos nas terras ameríndias, com a catequização dos povos originários e abominação de suas culturas e tradições, consideradas pelos europeus impróprias para a vida em sociedade.

O fato seguinte foi característico das mudanças psicológicas ocorridas no curso da civilização: o controle mais complexo e estável da conduta passou a ser cada vez mais instilado no indivíduo desde seus primeiros anos, como uma espécie de automatismo, uma auto-compulsão à qual ele não poderia resistir, mesmo que desejasse. A teia de ações tornou-se tão complexa e extensa, o esforço necessário para comportar-se “corretamente” dentro dela ficou tão grande que, além do autocontrole consciente do indivíduo, um cego aparelho automático de autocontrole foi firmemente estabelecido. Esse mecanismo visava a prevenir transgressões do comportamento socialmente aceitável mediante uma muralha de medos profundamente arraigados, mas, precisamente porque operava cegamente e pelo hábito, ele, com frequência, indiretamente produzia colisões com a realidade social (Elias, 1990).



Nesse ínterim, era imprescindível para os intelectuais da religião comprovar que a Umbanda, uma religião espiritualista, que recebe entidades já consideradas pelo Kardecismo brasileiro como menos evoluídas, como os caboclos e pretos velhos, era uma doutrina séria, civilizada, cristã e totalmente diferente de rituais “bárbaros” já praticados por indígenas e africanos em solo brasileiro. Assim, nasce o jornal, que afirma ao longo das suas edições o desejo de unificar uma doutrina própria para os umbandistas, com base em preceitos já previstos no cristianismo, para poder legitimar a religião e a sua prática, mesmo que isso custe o apagamento simbólico do passado de milhares de culturas de povos tradicionais no Brasil.

2. Metodologia

Para a construção da análise e das discussões sobre os discursos veiculados ao jornal e o que a União Espiritista de Umbanda provavelmente desejou construir com esses debates serão considerados, ressaltando a linha do tempo que pertence o jornal e os seus 66 exemplares disponíveis na Hemeroteca Digital, o primeiro e mais antigo exemplar disponível, de 1952, o mediano na escala temporal, de 1957, e o mais recente disponível, de 1960, que foram lidos integralmente e analisados com base nos seus textos, imagens e propagandas.

Serão considerados na pesquisa as mudanças e permanências do periódico, desde a sua estrutura até o seu conteúdo, ressaltando quais valores desejava transmitir, quais normas tentou impor e qual doutrina almejou construir para a Umbanda. Para construir uma análise sobre as narrativas, discursos e ideologias que imperam no Jornal de Umbanda, foi realizada uma coleta e uma posterior análise de trechos dos exemplares escolhidos com base na metodologia de análise documental, discutida por Lima Júnior, Oliveira, Santos e Schnekenberg (2021). Os autores, baseados na pesquisa de Lüdke e André (1986), conceituam que:

O uso da Análise Documental é apropriado quando o interesse do pesquisador é estudar o problema a partir da própria expressão dos indivíduos, ou quando há problemas de acesso aos dados, ou ainda, quando se pretende ratificar e validar informações obtidas por outras técnicas de coleta, como, por exemplo, a entrevista, o questionário ou a observação (JUNIOR, E. B. OLIVEIRA, G. S.; SANTOS, A. C. O; L.SCHNEKENBERG, G. F., 2021, p.47).



Conforme a citação acima, o método foi selecionado para possibilitar a identificação de como a Umbanda descrita no jornal, inclusive sua formação, a sua perpetuação e a sua construção ideológica foram difundidos naquele momento na sociedade carioca. A análise documental do jornal possibilitará compreender qual narrativa possui domínio nesse meio de comunicação, e, em outras palavras, qual a mensagem que a própria Federação Espiritista de Umbanda desejava transmitir ao público leitor. Para a justificativa da escolha, é válido considerar, ainda, que o objeto de estudo é um documento histórico e, além disso, um produto de seu contexto sociopolítico.

3. Estado atual da pesquisa

Até o momento, todos os três exemplares selecionados para a pesquisa já foram lidos integralmente e as discussões estão em fase inicial. A princípio, é possível observar alguns aspectos mais superficiais, como o sumiço de algumas colunas, a mudança da diretoria, a aparição de mais imagens e principalmente de mais propagandas nos jornais mais recentes. Colunas como a Sociais, que listava aniversários e outros eventos de tendas filiadas à UEUB, e a Notícias da União Espiritista de Umbanda, que trazia com subtítulos as notícias mais relevantes para a instituição do mês anterior à sua publicação, permaneceram.

As propagandas comerciais do primeiro exemplar são poucas, cerca de 4, divergindo fortemente do mais recente, com 30 propagandas. Esse expressivo aumento pode ser considerado um indicador do crescimento da audiência do noticiário e do próprio interesse coletivo na religião. Além disso, unindo o supracitado a permanência da coluna Sociais, uma coluna que partilhava datas e convites, podemos perceber uma tentativa de formação de comunidade umbandista.

Quanto à estrutura textual, os três apresentaram semelhanças marcadas por textos subjetivos e reflexivos, de escrita formal e por vezes rebuscada. Contam com forte presença de valores morais bem marcados e de grande influência do kardecismo e do catolicismo, com constantes alusões a busca por evolução espiritual e por seguir os passos de Jesus Cristo, além do persuasivo afastamento da Umbanda com a imagem das “magias negras”.

As entidades da cosmologia afro-brasileira são pouco citadas de modo geral e são muitas vezes consideradas pouco evoluídas, necessitadas de doutrinação. Figuras



como Exu são fortemente associadas ao demônio católico, afirmadas como entidades do mal e “sem nenhuma luz ou evolução”, mas que, quando doutrinadas e “compradas” podem trazer benefícios. Figuras mais evoluídas são abordadas como arquétipos, ou seja, que caboclos mais evoluídos seriam, na realidade, médicos, padres ou diplomatas “disfarçados” de indígenas, que faziam isso para poderem transitar entre esses espíritos indígenas menos evoluídos e encaminhá-los para a luz. Observa-se, aqui, um movimento muito semelhante ao da colonização brasileira, que vestiu os povos originários considerados bárbaros e não civilizados.

4. Referências

- ELIAS, Norbert. O processo civilizador: Formação do Estado e Civilização. Volume 2. Rio de Janeiro: Zahar, 1990.
- FEDERAÇÃO ESPÍRITA DE UMBANDA. Primeiro Congresso Brasileiro do Espiritismo de Umbanda. Disponível em: [\[https://archive.org/details/primeiro-congresso-brasileiro-do-espiritismo-de-umbanda\]](https://archive.org/details/primeiro-congresso-brasileiro-do-espiritismo-de-umbanda).
- GUBA, E. G.; LINCOLN, Y. S. Effective evaluation. San Francisco: Jossey-Bass, 1981.
- JUNIOR, E. B. OLIVEIRA, G. S.; SANTOS, A. C. O; L.SCHNEKENBERG, G. F. Análise documental como percurso metodológico. Cadernos da Fucamp, v.20, n.44, p.36-51/202.
- LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. Pesquisa em educação: abordagens qualitativas. São Paulo, SP: Editora Pedagógica e Universitária, 1986.
- NEGRÃO, Lísias Nogueira. Magia e Religião na Umbanda. São Paulo, SP. Revista USP, 1996.
- ORTIZ, Renato. A morte branca do feiticeiro negro. São Paulo, SP: Editora brasiliense, 1991.
- SOUZA, Fabíola Amaral Tomé de. Jornal de Umbanda: em defesa das “boas” práticas religiosas. Disponível em [\[https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-01/1548953101_12846eef1bcc3a3e9835eefd6884c4d7.pdf\]](https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-01/1548953101_12846eef1bcc3a3e9835eefd6884c4d7.pdf). Revista UNB, 2017.